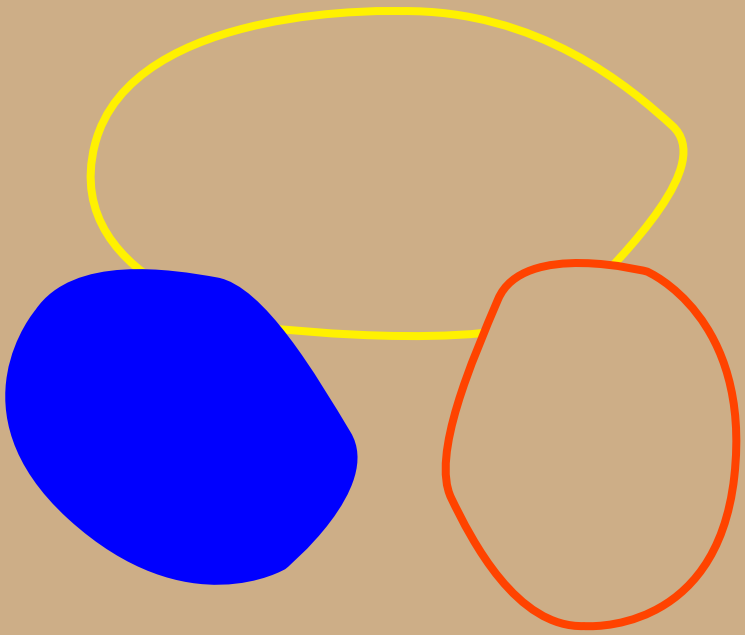
SOCIEDADE ALTERNATIVA — NÓS ESCAPAMOS.



SOCIEDADE ALTERNATIVA
— NÓS ESCAPAMOS.

“As we said in the beginning, this is an incomplete manual. We would like to hear about your own learning methods, ideas or experiences. This will certainly not be the last edition of this manual, and it would be good to know what we could add, leave out or change.”

(p. 11, “Teaching for people who prefer not to teach”).

Como resposta a este desafio, escrevi um pequeno conto, "*Sociedade Alternativa – Nós Escapamos*".
Este livro consiste principalmente num grito por mudança: um apelo à alteração e renovação dos valores.

CONTEÚDOS

Atmosfera
Punctum
Sociedade Alternativa
Vicente
Passado, Presente, Futuro
Casa
Os Outros
Reconstrução e Decadência
Linha do Tempo
Azul
Apocalyptic Landscape
Self Publication
Falsa e Artificial
Medo
Sonhos
16
Introdução ao Novo Mundo
Tempo
Silêncio
Verdade
Natural
Sentidos
Cultura das Memórias
Observação
Diálogo
O senhor dos calções vermelhos
Mutabilidade
Era aqui que desejava viver
Segredo
Mundo Azul

"This project... is a mean of laying out a narrative, but it attempts to avoid the finality of a definitive telling. It aims to keep the pieces in play. All of these things happened... but the objective... is to have them happening again, or to have them still be happening."

The display was pitched as an encounter with the visitor, who was encouraged to eavesdrop, interlope, and perceive the exhibition as a lived practice. It followed ideas of theatre, where the stage is never a narrow window but an immersive realm inhabited by the viewer through narrative. Accordingly, the exhibition could be seen as a miniature or model, compressing time and space into a scaled experience of atmosphere.

Atmospheres have something irrational about them... something inexpressible... and entirely subjective... to define their character, one must experience them in terms of ones own emotional state... An ATMOSPHERE itself is something between things and the perceiving subjects." [1]

(Primeiro momento onde é definido um patamar básico para a entrada na narrativa). Notamos que foi despertado um PUNCTUM nesta fotografia.

1 — Mousse Magazine Issue 61.
2 — "A Câmara Clara" Roland Barthes.

«O punctum de uma fotografia é esse acaso que nela me fere (mas também me mortifica, me apunhala). Nesse espaço habitualmente unário, por vezes (mas infelizmente, raras vezes) um «pormenor» chama a atenção. Sinto que a sua presença por si só modifica a minha leitura, que é uma nova foto que contemplo, marcada, aos meus olhos, por um valor superior. Este «pormenor» é o punctum (aquilo que me fere)». [2]

Atribuímos-lhe, portanto, a possibilidade de visitar um portal escondido. Uma curta e excepcional visita a uma SOCIEDADE ALTERNATIVA, perdida no tempo... perdida nos tempos. Invisível para todos, às vezes visível para alguns.

SOCIEDADE ALTERNATIVA
— NÓS ESCAPAMOS.

Os visitantes são convidados a entrar e explorar as memórias e associações de mais uma cabeça. Em adição à vossa, convido-vos a conhecerem um bocadinho mais do VICENTE e, se calhar, recuperarem algum pedaço vosso pelo caminho, como nós recuperamos o Vicente.

Um bocadinho de tudo está em bocadinhos de vós, e, para meros mortais e humanos, torna-se complicado lembrarem-se sempre (e para sempre) de tudo. Por isso, dentro desta atmosfera recuperada, façam um esforço para se lembrarem do que se esqueceram.

Memórias, claro, também trazem ao de cima o espectro da nostalgia. Como entendê-las, relacionando-as com o PASSADO, PRESENTE e o FUTURO?

Um *punctum* trouxe-vos até aqui. Prestaram atenção... Por isso, foi-vos permitido o vislumbrar de vidas passadas... o vislumbrar de uma pequena e bastante reduzida linha do tempo. Durante 6 minutos, é vos possível

3 — "Outros", termo referente aos habitantes da Primeira Realidade, da Sociedade 1.
4 — "Casa", termo referente à nova realidade, à Sociedade Alternativa, o Mundo Novo e ideal.
5 — Depois da rápida visita à nova realidade, tudo fica nas mãos da pessoa; é inteiramente dela que depende o regresso e a transição para a Realidade Alternativa, estando esta diretamente associada à maneira como a pessoa trata a informação que recebe.

conhecer pedaços de uma vida. Mas não se iludam! Isto acontece apenas a 3% das vossas pessoas... das pessoas da vossa realidade. O privilégio de saber que existe, para além do que vos é dado, uma outra realidade, é excepcional... Uma outra sociedade, paralela à vossa.

A possibilidade de transposição de pessoas do vosso mundo para esta realidade nova é incontestável. Aqui, a reciclagem de vidas interessadas, de vidas interessantes, de pessoas boas e originais é possível, e foi a maneira que encontramos para a criação desta nova sociedade. É-nos permitido estudar, visitar, e mais tarde recuperar vidas passadas. A visita de vidas passadas é também uma maneira de aprendizagem: uma das nossas regalias; a História dos OUTROS[3] é estudada, e é dessa maneira que não são cometidos os mesmos erros.

Os recuperados são aqueles que escaparam ao degradamento e ao feitiço de silêncio imposto pela sociedade primeira, e sobreviveram.

Cada vida, contada através de um desmontar de referências, memórias, pensamentos e experiências, pode ser temporariamente visitada por ti, que não estás cá em Casa[4]. Depois disso, não estamos inteiramente certos do que se segue... Aparentemente, as memórias recuperadas e visitadas ficam presas entre as forças de equilíbrio: entre a RECONSTRUÇÃO e a DECADÊNCIA. Estamos a trabalhar nisso[5]...

Viajemos então para o século XXI.

Apresentamo-vos o Vicente.

"É difícil... Esta coisa de recuperação... da memória. Está a ficar tarde, e pensamentos escuros ocupam a minha cabeça durante a noite. Vamos lá despachar isto.

Nos passados 21 anos, e possivelmente numa vida anterior que possa ou não ter existido, recolhi variadas situações e ideias totalmente imprevisíveis, que venho reduzir, dentro da minha

cabeça. Organizo-me a escrever. Organizo-me, dentro da minha cabeça. Os dias passam... Muitos dias passaram, se é que acreditam em dias e lhes posso chamar de tal. Afinal, não é o tempo também uma invenção, como tudo na vida? Algo abstrato e invisível, tornado visível e concreto, para nos facilitar a vida... Com esta concretização, tornam-se mais fáceis referências a aspectos passados, de forma acessível e universal. Torna-se por isso mais fácil uma LINHA DO TEMPO. Uma linha do tempo! Quão engraçado é colocar o tempo numa linha? Para ser diferente, na minha cabeça, vejo-o como um labirinto. O labirinto da minha memória. "Uma coleção de alguns tempos".

Vicente, Março de 2018, 00:21
Reflexão sobre memórias.

6 — A memória, como narradora, faz uma crítica ao favoritismo da visão relativamente aos restantes sentidos. Falácia da pictorial turn e da "hegemonia do visível"; "Showing seeing" W.J.T. Mitchell. Apesar da crítica, sente necessidade de chegar aos Outros através de uma linguagem que lhes seja perceptivel usando, por isso, aspectos visuais e identitários para descrever o Vicente.
7 — W.J.T. Mitchell, em "Showing seeing"
8 — Introdução subtil dos restantes sentidos (Tacto) na percepção da sociedade original;
9 — Introdução subtil do Paladar;

Vocês humanos têm a mania de atribuir uma cara ao nome. Uma cara, um cabelo, um nariz torto ou empinado, uma pele manchada pelo tempo, pela acne ou pelo sol... Atribuem um corpo, muitos ou poucos sinais. Sardas, defeitos e tiques na boca, olhos gigantes ou muito muito pequeninos. Cabelos desalinhados e em pé, olhares diferentes, fora do normal. Gostam de atribuir sapatos a toda a gente, mas há quem não preste atenção aos pés de ninguém. Gostam de ver fotografias passadas, para avaliar se engordou, emagreceu, ou simplesmente não envelhece. Anéis no dedo simbolizam união e, conhecendo-vos como conheço, começam logo a pensar quem é que colocou aquele anel ali... Imaginam um casamento grandioso, mas pode ter sido algo bem simples. Anéis não são sinónimo de casamento, de qualquer maneira...

Como não quero que vos falte nada[6], vou vos falar do Vicente. "*Quanto à questão da 'hegemonia,' o que poderia ser mais arcaico e tradicional do que o preconceito a favor da visão?*"[7]

Olhos claros. Um AZUL do céu, um azul do mar, um azul da cor que pintamos as lágrimas. Um azul bonito. Acho que não há assim tantas coisas azuis, agora que penso...

Mas os olhos do Vicente eram azuis.

Cabelo clarinho, mas ainda considerado castanho. Um castanho clarinho, como não há muitos. "Clarinho" é um bom adjetivo para o Vicente. Pele clara, característica invejável de quem não gosta de praia, nem de sol. Invejável porque o sol não o estragou, então a sua pele clarinha era também muito suave[8], como a mãozinha de um bebé. O Vicente era novo, e mesmo não apanhando sol, tinha as bochechas e nariz cobertas de pequenas sardas arruivadas. Chamava-lhes "sardinhas", porque não considerava que tinham o tamanho suficiente para a denominação de "sardas".

Poucas pessoas gostam de sardinhas[9]. O Vicente adorava,

mas só as podia comer no S. João, porque ninguém mais na família aprovava esse alimento tão diferente. Um dia, ouvi[10] o Vicente a falar do S. João:

"Quando era pequeno, adorava o S. João. E adorava o Natal, e adorava a Páscoa, e adorava o Carnaval. Depois de deixar de ser pequeno deixei de adorar tudo, menos o S. João. Gosto do S. João. E eu costumo resolver as minhas coisas a escrever... E então um dia comecei a escrever, para chegar à origem do porquê de gostar do S. João. Gosto de lançar balões. Nunca soube para onde iam... os balões... Na verdade, ainda não sei, porque nunca vi um balão caído. Por isso, se eles não caem aqui, eventualmente caem em algum lugar. Estamos em Maio, e já cheira[11] a S. João."

Ele era mais ou menos alto... aquele limbo entre alto e normal. Não era musculado, mas magrinho. Costumava usar t-shirts pretas, e calções bejes no verão. Meias brancas e uns sapatos ou sapatilhas sempre confortáveis. Vestia-se bastante bem, e o preto encaixa-lhe na perfeição na pele branca e escondida. Não usava chapéus. Não gostava do efeito que lhe traziam ao cabelo.

O Vicente cheirava muito, muito bem. Não era adepto de perfume, o que valorizava ainda mais o aroma que vinha do seu pescoço quando lhe dava um abraço apertado, para me certificar que não se esquecia de mim.[12]

10 — Introdução subtil da Audição;
11 — Introdução subtil do Olfato;
12 — A memória, como narradora, faz uma analogia à força das memórias que ficam connosco. A memória abraça o Vicente, para que certas memórias não sejam esquecidas; Personificação da memória;
13 — Referência ao esquecimento inevitável que abala muitas das memórias.
14— A memória, na 1ª pessoa, comenta os traumas e a difuculdade que existe em abandonar certos acontecimentos e lembranças.
15— Excerto retirado do livro "A Câmara Clara", de Roland Barthes.

Nas costas, encontrava-lhe cerca de 12 sinais, todos pequeninos. Posso não ter contado bem, mas também eu vou perdendo as contas, de tantos sinais que já contei.[13]

Via mal ao longe, por isso usava óculos. Mesmo assim, não cresceu com traumas de quando lhe chamavam "caixa de óculos"... no recreio, onde não jogava à bola, mas lia livros (às escondidas), dentro do labirinto onde as crianças se escondiam para fugir ao castigo da educadora Aurora. Nunca foi fã da Aurora... Nem toda a gente nasceu com jeito de educar fedelhos suados e mal-cheirosos como os jogadores de futebol de 10 anos que levantavam as saias às meninas gordinhas: essas sim, com traumas gigantescos, até ao dia de hoje. Com elas não sou fácil...[14]

Na mochila, também preta, carregava sempre um livro. Geralmente o livro ia mudando, de semana para semana. Às vezes demorava mais, outras vezes era tão rápido como a fala da sua amiga de infância, Teresa. A Teresa falava tão rápido! O Vicente ria-se sempre que ela lhe contava uma história. Eram bons amigos e não gostavam de livros com imagens.

"Perante os clientes de um café, alguém me disse precisamente: "Veja como são insípidos; hoje em dia, as imagens são mais vivas do que as pessoas." Uma das características do nosso mundo é talvez essa reviravolta: vivemos segundo um imaginário generalizado."[15]

"One of the roles defined in 1969 by hansjurgen bulkoski for "small publishers, mini presses, avant-garde presses" and so forth is: assisting individuals to a practical form of publication of their person. SELF PUBLICATIONS are usually ego-publications, public divulgences, demonstrations, stagings, documentations, defiant or ironic positioning of oneself, probings of the boundary zones of the individual and society, private and public life, self-image and media image.[16]

Às vezes lembro-me... Quando não tenho nada para fazer, gosto de criar jogos.[17]

Joguei este com o Vicente... Chama-se "O Jogo das Biografias".

PENSA RÁPIDO:

QUAL O TEU ANIMAL ESPIRITUAL?

Gaivota. Que estranho, nem me dizia apreciador de gaivotas. Não gosto muito delas, apesar de lhes dar de comer. Mas elas voam, e eu gostava muito de voar. São omnívoras, não se aventuram em mar alto e ocasionalmente roubam comida.

SE TIVESSES QUE ESCOLHER UM MÊS DO ANO, QUAL ESCOLHIAS E PORQUÊ?

Janeiro. Agrada-me a ideia imposta de início, apesar de FALSA E ARTIFICIAL. Janeiro não é um início, porque Janeiro não existe. Gosto de perguntar às pessoas quais as suas resoluções para um ano novo, porque um ano novo não existe. Gosto de toda a dinâmica em torno de

16— Excerto retirado do livro "Under the Radar. Underground Zines and Self-Publications" vem introduzir o conceito de self publication, publication of their own person, onde cada pessoa possui uma publicação original, com o intuito de guardar e "imortalizar" cada vida. Não sendo possível existirem museus para todos nós, a ideia de uma publicação auto centrada serve como albergue de vidas.

17 — A memória, como narradora, refere-se à aleatoriedade de memórias que às vezes vêm ao de cima. Introduz a self publication do Vicente, que nos conta mais de si, do mundo apocalíptico onde habita, e do que vai na sua cabeça.

18— A afirmação denota a dificuldade de socialização dos Millennials, proveniente do seu crescimento numa sociedade excessivamente tecnológica e mecânica, que priviligia as comunicações sociais em detrimento das pessoais.

uma nova era que começa, supostamente em Janeiro. Gosto de ver as pessoas motivadas por uma ideia irreal e dogmática, que tem tanto de real como de azul.

QUAL O TEU COMPORTAMENTO QUANDO ESTÃO 32º?

Não funciono muito bem com o calor. Fico em casa, com a minha ventoinha, que adquiri nos chineses, por isso todos os anos é diferente. Deitado na cama, coberto de um padrão desconfortavelmente escolhido pela minha mãe, com o qual não me identifico nem um bocadinho... Claro, axadrezado. Do estilo de umas calças pijamas. O lençol é fresco, e a almofada é bastante confortável também. Às vezes leio de pernas para o ar, encostadas à parede fria. Outras, pouso o livro no chão e leio de uma posição superior, de barriga para baixo, com a perna frontal colada à parede, esta previamente aquecida pela posição anterior.

O QUE SENTES QUANDO ESTÁS NUM ELEVADOR COM UM ESTRANHO?

Não me sinto muito confortável em estabelecer contacto visual com estranhos[18]. Se respiram alto, não me consigo concentrar em nada que não na sua respiração, e questiono-me se estarão a ouvir a minha. Nunca me oiço respirar, mas dizem-me que respiro bastante alto. Incomoda-me pensar que sim...

O QUE TE TRANSMITE CONFIANÇA E PORQUÊ?

Os meus óculos. É estranho, mas cresci com eles. A cor castanha mel aconchega-me. Preciso deles... sem eles os meus olhos não funcionam tão bem. As coisas longínquas desaparecem, e sinto que me estou a perder, e ainda não estou preparado para isso. "Levanto-me silenciosamente e discretamente dos trilhos mentais"[19], e abandono a prisão

escura e desvanecida do mundo, colocando apenas os meus óculos.

QUAL O TEU MAIOR MEDO?

Acho que tenho MEDO de algumas coisas. Tenho medo de acordar com uma serpente na minha cama, que me morde até à morte. Imagino-a verde e negra[20], e tenho medo de como seria a sua face. Tenho medo de pegar no carro enquanto durmo, ou de matar alguém com uma faca. Não me imagino a matar ninguém de mais nenhuma forma, o que não quer dizer que me imagino a realmente matar alguém com uma faca…

Tenho medo de me engasgar enquanto almoço ou janto ou ingiro qualquer tipo de alimento sozinho. Tenho medo que morram engasgados, por eu não os conseguir salvar. Tenho medo que as minhas tartarugas morram, porque elas sabem todos os meus segredos, e eu não sei para onde os vão levar depois de me deixarem aqui.[21]

Tenho medo de nunca mais andar, de nunca mais ouvir. Tenho medo de nunca mais ver, de nunca mais sentir, de me perder. Medo de não sentir mais o mar, ou o frio. Tenho medo de me esquecer de quem sou, e do porquê de o ser.

Acho que tenho medo de algumas coisas…

QUAL O TEU PENSAMENTO MAIS COMUM?

Penso muitas vezes no que as outras pessoas estão a pensar… Será que se pensarmos a fundo

19— Analogia da visão à memória e ao esquecimento; Excerto retirado do livro "Câmara Clara", Roland Barthes.
20— Serpente surge como personificação do medo.
21 — Referência a uma sociedade e uma geração baseada no medo, falta de confiança e hesitações; São educados a ter medo da morte. Medo do desconhecido e do inconsciente, de situações sociais onde não são capazes de algo; Falta de preparação para o mundo real, em detrimento de uma formação académica demasiado rija e formal.

sobre as coisas, todas elas, nos magoam? Um dia vamo-nos esquecer… Um dia vão esquecer-se de nós? Um dia as nossas histórias não vão existir, porque nós também não. Que um dia, as coisas das quais gostamos vão embora. Que tudo vai embora, porque sim… porque é assim. Tudo vai embora. E tudo acaba, e as pessoas deixam de existir. E os nossos pensamentos vão embora connosco. E que quase ninguém pensa em nós, e nós pensamos em alguém. Nós pensamos em alguém? Alguém pensa em nós?

Alguém repara que a repa da senhora do supermercado, demasiado nova para ser chamada de "senhora", do lado esquerdo é mais pequena do que a do lado direito porque um dia estava ao espelho, sozinha, e achou que repas lhe ficavam bem? Então decidiu cortá-las… Com o cabelo seco, sem escova! Alguém repara?

Agora reparo. E escrevo, e reparo ainda mais. Reparo que estou com a mesma posição de braços sobre a cara que um rapaz sentado na mesa do fundo. Reparo que não há problema em usar chapéu no interior, e que isso me faz sorrir. É confortável. Será? Deve ser. O conforto faz-nos bem. Que saudades de me sentir confortável.

O conforto faz-nos bem. Agora tremo das mãos, e não sei porquê. Reparo que quase ninguém balança em público. Ninguém estranha, ninguém se questiona se eu tremo das mãos. Ninguém se questiona se eu sou sonâmbulo, e eu questiono-me se as pessoas dormem bem. Questiono-me se o pão que elas comem é o que elas queriam estar a comer. Às vezes como carne, e não queria. Hoje comi sopa de legumes, e preferia canja. Ninguém se questionou se eu preferia canja, tal como ninguém se questiona se eu tremo das mãos. Prefiro sempre canja.

Pergunto-me o que fazem as pessoas, nas suas casas, com as suas famílias. Pergunto-me como serão as famílias de

toda a gente. Que engraçado é, terem irmãos, e cães, e alguns cães terem que ficar fora de casa, e outros dormirem com eles na cama. Que felizes devem esses cães ser! Ninguém se questiona se os meus cães dormem comigo. Sinto que sabem que não… Sinto que sabem, mas ninguém sabe.[22]

Ninguém sabe os meus SONHOS de criança, tal como ninguém sabe os sonhos de criança de ninguém. Questiono-me o que as crianças sonham, hoje em dia… Questiono-me se sonham de verdade, ou se têm tudo o que querem, e não aprenderam a sonhar.[23] Eu sonho muito, se calhar demais. Que perigoso é, sonhar. Que mau é não o fazer. Será que sonhamos os sonhos que guardamos para nós?

Sonho, de criança. Os nossos sonhos de criança… Parece que os sonhos de criança pertencem apenas à criança. Há sonhos de criança, e sonhos de adulto, e sonhos de idosos? Que injusta esta tipologia de sonhos. Um idoso pode sonhar fazer *slide*. Podemos considerar este, um sonho de idoso?[24] Uma criança sonha ser educadora. Sonho de criança? Vou cortar esta tipologia da minha cabeça, porque não concordo com ela, e só agora descobri. Os sonhos são os meus. Eu realizo-os, e arranjo novos. Nunca arranjo novos, descubro-os na confusão que está dentro de mim. Descubro motivações, descubro gostos, descubro sonhos. Vou me descobrindo na minha confusão. Pouca gente se descobre, e pouca gente se procura…[25]

Sonho… Sonho saltar de um avião. Sonho

22— Reflexão do Vicente sobre a indiferença no mundo; Mostra que é diferente dos Outros.
23— Crítica à geração mais nova, que cresce com tudo, e não aprende a importância dos sonhos. Crítica à educação, dada pelos pais e pelas escolas. Sonhos são postos de parte e desvalorizados;
24— Vicente questiona os dogmas que lhe foram desde sempre impostos, descobrindo mais à medida que desenvolve o discurso.
25— Crítica ao comodismo dos Outros; Preocupação com futilidades da vida, em detrimento da personalidade, verdade e enriquecimento pessoal de cada um;
26— Vicente acredita que a felicidade está em pequenas coisas, ao contrário dos Outros, que não encontram felicidade em lado nenhum;

voar, e isto é o mais próximo possível que vou estar de o fazer. Sonho voar, e penso como seria, fazê-lo… E invejo os pássaros, porque por cima de mim voam, e levam o meu sonho nas asas, inseguro e frio, lá no céu. Sonho voar, e não gosto de andar de avião. Acho irónico, deixarem-nos voar e, por sua vez, estarmos tão presos, e seguros, e limitados. Mal temos espaço para um movimento de tornozelo, quanto mais para voar, verdadeiramente. Não devia ser "voar"… o termo. Para mim não é. Não gosto desse voar.

O TEU ALIMENTO FAVORITO.

Uma pêra deixa-me contente.[26] À hora do lanche, ou do jantar. Ao pequeno almoço, uma pêra não me deixa assim muito contente, mas guardo-a para a hora do lanche, ou do jantar, porque ao pequeno almoço como sempre cereais.

UMA PALAVRA QUE ACHES MUITO ESTRANHA.

Bidé.

CHEIRO FAVORITO.

Pode ser cheiro a vela acesa? Gosto muito de velas, e agrada-me o seu cheiro, quer acesas, quer quando apagadas. Mas o meu cheiro favorito é sem dúvida o aroma que fica quando acendo uma vela.

QUAL O TEU SÍTIO FAVORITO ATÉ AGORA?

Existe uma biblioteca da qual me lembro muito, muito bem. Teto alto, e estantes quase mais altas que o teto. Desde já, uma visão muitíssimo agradável: prateleiras gigantescas, cobertas de livros. Estantes de madeira, lombadas vermelhas, verdes escuras, castanhas, bejes… Poucas pessoas frequentam a biblioteca, porque os livros caíram no esquecimento, mais do que caem destas estantes. O desinteresse pela vida dos

livros parece alastrar-se por toda a parte.[27]

Tem que haver tempo para a leitura! A literatura, "um ato gratuito, sem qualquer finalidade precisa. Capaz de escapar a toda a lógica comercial, inútil, portanto, por não ser monetizável. Mas necessário para exprimir, através da sua simples existência, um valor alternativo à supremacia das leis do mercado e do lucro."[28] O Homem moderno é atarefado. Nunca há tempo, mas há sempre tanta coisa para fazer... O Homem moderno "é escravo da necessidade, não compreende que uma coisa possa não ser útil; (...) que o útil pode ser um peso."

Nesta biblioteca, as pessoas compreendiam. Compreendiam os livros, compreendiam a arte, compreendiam o útil e o ínutil. Neste silêncio sonhado[29], a leitura era levada a sério. Completamente valorizada, incluída e incentivada pela ausência do som, não havia um dia no qual não se levasse um livro.

No exterior, sentados num banco de jardim sem um jardim, virado de costas para a entrada discreta da biblioteca, dois homens falavam de livros. Trocavam-se livros, procuravam-se livros... Valorizavam--se os livros. Formavam-se opiniões relevantes graças aos livros. E sei que as pessoas, neste ambiente propício ao conhecimento e à literatura, vivem[30] já estimuladas unicamente pelo desejo de saber. "Um homem livre não deve adquirir conhecimento nenhum com espírito servil."(...) A única possibilidade de

27— Vicente remete para o desinteresse que existe relativamente aos livros e à literatura;
28— Excerto retirado do livro "A Utilidade do Inútil" de Nuccio Ordine;
29 — Introdução ao conceito do sonho, a origem da Sociedade Alternativa.
30 —Mudança do tempo verbal passado para um presente paralelo. Referência ao que está a acontecer na Sociedade Alternativa, naquele mesmo momento;
31 — Excerto retirado do livro "A Utilidade do Inútil" de Nuccio Ordine.
32 — Vicente deseja voltar àquele sonho, do qual se lembra tão bem.
33 — É levantada a questão fundamental ao aparecimento e ao transporte do Vicente para a sociedade Alternativa;
34 — Vicente fala pela primeira vez de Casa. Visitou a "Casa" no sonho, na biblioteca da qual se lembrava tão bem, e espera um dia lá voltar. "Casa" representa o local onde a pessoa se sente bem. O Vicente não considera o mundo real a sua casa, sentindo-se deslocado.

conquistar e defender a nossa dignidade de homens é-nos dada precisamente pela cultura e por uma educação livre."[31]

Este é o meu sítio favorito, e encontrei-o imaginado num livro, e, um dia, visitei-o num sonho. Espero lá voltar.[32]

Existem realidades alternativas nas quais as pessoas estão a viver?[33]

QUANDO ESTÁS TRISTE, O QUE COSTUMAS FAZER PARA TE ANIMAR?

Gosto de andar de bicicleta. Uma brisa pequenina e fresca percorre-me o corpo, e lembro-me de Casa.[34] Penso: "vou andar mais de bicicleta, quando chegar a casa".

Uma semana depois estava em casa. Uma bicicleta azul, e a brisa bonita que dentro dela morava, e que agora trago comigo. À minha frente, o meu sítio favorito: a tal biblioteca da qual me lembrava muito, muito bem. Teto alto, e estantes quase mais altas que o teto. Este é o meu sítio favorito, e encontrei-o imaginado num livro, e, um dia, visitei-o num sonho, e prometi lá voltar. Agora chegado a casa, prometi não mais daqui sair.

"Perhaps there is no better example of the utopian impulses of underground graphic design than these 16 empty pages, which, in their unfinished blankness, stand as an emblem of its effort to imagine - and encourage readers to imagine - a different world, a world yet to come." [35]

"There is no need to design or stage an APOCALYPTIC LANDSCAPE, for the earth we inhabit is already in crisis and the apocalypse is now."[16]

35— Gwen Allen, "Design as a social movement".

— NÓS ESCAPAMOS.

EXISTEM REALIDADES ALTERNATIVAS NAS QUAIS AS PESSOAS ESTÃO A VIVER! Existem Realidades Alternativas, e conheço uma, na qual agora vivo.
O meu nome é Vicente, e vou contar-vos um bocadinho sobre nós, os que escapamos.[36]

INTRODUÇÃO AO NOVO MUNDO!
Quando cheguei, não vi muito[37]... Ouvi pássaros a cantar e, quando pararam, ouvi a brisa... Senti o sol queimar-me suavemente a face, e sabia que as minhas sardas iam triplicar. Tudo era azul.[38] Nada concreto, mas tudo era azul...
"Introdução ao novo mundo", cantavam... Recordo-me como se fosse ontem, do dia em que me ensinaram a viver.[39] Tudo era azul, e ouvia melhor do que nunca.
O calor trepava por mim, e cobria-me o corpo, mas não me sentia quente... A brisa e o sol estavam em perfeita harmonia! Criavam, juntos, o cenário ideal. Cheirava-me a mar, limpo e azul também. Cheirava-me a algodão doce mas não excessivamente doce. Cheirava maravilhosamente bem e, não vendo concretamente nada, o meu olfato estava melhor do que nunca. Detetava o mais subtil cheiro com uma facilidade invejável. "Acenderam velas", disse eu. Lá, não estava concretamente, ninguém.
Soube-me a pêra, e não era hora do pequeno-almoço, por isso soube-me bem. E tudo era azul...
"Introdução ao novo mundo", cantavam... Digo que cantavam porque existia sempre uma melodia no ar, e tudo a seguia. Tudo cantava, e todos cantavam, apesar de não existir lá, concretamente, ninguém.
A melodia evoluia, e cantavam mais coisas. Ensinavam-me, todas as coisas.
NO NOVO MUNDO, GUARDAMOS AS VIDAS, GUARDAMOS AS MEMÓRIAS!
A minha ideia na Realidade Original foi implementada

36 — Vicente, agora narrador (em caixa baixa), introduz a Sociedade Alternativa, na qual agora vive. Fala de si e "dos que escaparam";
37 — A entrada na Sociedade Alternativa não priviligia o sentido da Visão. Todos os restantes sentidos são respeitados e, por isso, a chegada à nova realidade é feita através de uma potencialização dos restantes sentidos, quase como introduzidos e conhecidos pela primeira vez.
38 — O novo mundo vive do azul. "Acho que não há assim tantas coisas azuis, agora que penso." Lá,"tudo era azul";
39— Na Sociedade Alternativa, o ensino das competências de vida e sobrevivência não só são valorizadas, como abordadas em contexto de aprendizagem;
40— As ideias boas de elementos que transitam de realidade são implementadas na nova Sociedade.
41— Naturalidade em todas as expressões e gestos. Excerto retirado do livro "Parafiction", de Salomé Lamas;
42— "A Utilidade do Inútil", Nuccio Ordine.

em Casa[40]. EXISTE E VAI SENDO ACTUALIZADA A PUBLICAÇÃO DE CADA PESSOA. NÃO EXISTE UM MUSEU, MAS EXISTE UM PEDAÇO DE TODOS OS QUE ESCAPARAM, NA CONCEPÇÃO DESTA REALIDADE ALTERNATIVA. As ideias boas, de todos os que escaparam, foram, são e vão sendo, as criadoras e actualizadoras de Casa. O potencial é elevado ao máximo em cada uma delas, trabalhadas e pensadas cuidadosamente e em conjunto. Graças a esta ideia, as vidas e as memórias vão sendo escritas e guardadas. Partilham-se memórias e sonhos, e as pessoas interessam-se verdadeiramente umas pelas outras. É muito diferente dos Outros, cá em Casa.
NÃO HÁ PRESSA, E HÁ TEMPO PARA TUDO! A ideia do tempo é trabalhada e pensada de forma diferente. ENQUANTO CÁ ESTAMOS, HÁ TEMPO. As pessoas fazem as coisas... E fazem tantas coisas!
SILÊNCIO. ATENÇÃO AOS BARULHOS NATURAIS. O Artificial provém sempre do Natural por isso, aqui, o Natural é a nossa Verdade. É FUNDAMENTAL TER UMA VERDADE. Algo em que acreditar.
Através do Natural, trabalhamos o mundo. A energia traz-nos luz, traz-nos computadores... As árvores trazem-nos livros (feitos, alguns deles, em computadores)... As plantas trazem-nos medicamentos, e os medicamentos trazem-nos curas. O NATURAL É A NOSSA VERDADE E TUDO DELE PROVÉM. "*The players are natural in every expression and gesture, (...) without a camera before them.*"[41]
OS LIVROS SÃO GRATUITOS. Formam-se opiniões relevantes graças aos livros. E as pessoas, neste ambiente propício ao conhecimento e à literatura, vivem já estimuladas unicamente pelo desejo de saber. "*UM HOMEM LIVRE NÃO DEVE ADQUIRIR CONHECIMENTO NENHUM COM ESPÍRITO SERVIL. (...) A única possibilidade de conquistar e defender a nossa dignidade de homens é-nos dada precisamente pela cultura e por uma educação livre.*"[42] A MÚSICA COMOVE E MOVE. "*O homem que não tem música em si nem se comove com a harmonia de doces sons, é propenso a traições, roubos; nele, os impulsos do coração são apagados como a noite e os afetos. Escuros. Não confies num homem assim.*"[42]
"*CONSIDERAMOS ÚTIL TUDO AQUILO QUE NOS TORNA MELHORES.*"[42]
A interdisciplinaridade é uma realidade aqui em Casa. Somos incentivados a saber um pouco de tudo, e dispensados a qualquer hora para conhecer e explorar[43].

A PAIXÃO PELO CONHECIMENTO É FUNDAMENTAL. Para mim, o aspeto fundamental: a vontade, o esforço individual e uma paixão inesgotável para saber sempre mais. Para ensinar sempre mais. "*Que bom seria se a sabedoria conseguisse passar do mais cheio de nós para o mais vazio sempre que estivéssemos em contacto uns com os outros*[44]"! E então não pode? "*Ensino de má qualidade é, quase literalmente, um assassínio e, metaforicamente, um pecado*[44]." Os professores e mestres querem-nos ensinar. Não existe reticência em dar elogios... Os alunos aceitam críticas e correções. Todos aprendemos, lemos livros, ouvimos música e temos ideias... que são ouvidas! AS DISCIPLINAS HUMANÍSTICAS NÃO SÃO CONSIDERADAS INÚTEIS, não são marginalizadas. "*Os programas escolares empregam fundos em saberes que não apresentam um rápido e apreciável proveito económico*"[44], mas que contribuem para pessoas formadas, pessoas fortes e interessadas, que podem mudar muita coisa. NÃO SÃO ESQUECIDOS ACONTECIMENTOS GRANDIOSOS DA NOSSA HISTÓRIA[45], por isso estudamos cuidadosamente a sociedade que a todos nós antecedeu. As visitas a vidas passadas são possíveis, e o material de lá recuperado é cuidadosamente estudado também. Todos juntos, prestamos atenção ao que acontece na Realidade Original, certificando-nos que os mesmos erros não transitam para Casa connosco.

A seleção dos que escapam continua a ser feita, por todos nós, com bastante ponderação e cuidado. Novas ideias são bem vindas. NINGUÉM É MAIS DO QUE NINGUÉM, e por isso é rejeitada uma figura de obediência.

O estudo é, "*em primeiro lugar, aquisição de conhecimentos que, livres de qualquer vínculo utilitário, nos fazem crescer e nos tornam mais autónomos*"[44]. Parámos de criar barreiras e começamos a desconstruí-las[46].

TODOS OS SENTIDOS SÃO FUNDAMENTAIS. Não

43— Em Casa, está implementada uma estratégia interdisciplinar, onde os livros são uma realidade e onde se estabelecem ligações com outras disciplinas e ramos de trabalho, garantindo, assim, um futuro de progresso e inovação.
44 — "A Utilidade do Inútil", Nuccio Ordine;
45— "Art history is a tool for clarifying the past and reshaping the present.", afirmação de Ajay Hothi, professor de Critical Issues of Graphic Design, Kingston University, Londres UK. Na Sociedade Alternativa, a História é vista como elemento fundamental para o progresso.
46— Referência á Desconstrução, de Jacques Derrida.

sei se se lembram que quando cheguei... não vi muito. Ninguém é mais do que ninguém, e a visão não é mais do que a audição. Não é mais do que o tacto, do que o olfato, do que o paladar. Todos os sentidos são fundamentais e, por isso, fazemos exercícios para os apurar. TODOS OS SENTIDOS SÃO TREINADOS. Assim como a memória... COMBATEMOS O ESQUECIMENTO AO LEMBRAR-MO-NOS. Todos os dias, horas são dispensadas para honrarmos as nossas memórias, e para as entendermos. É bastante complicado entender o porquê de uma memória. Queremos guardá-las e, por isso, escrevemos sobre elas, e contamos os nossos dias e as nossas experiências às nossas pessoas. Elas ouvem, sempre interessadas. A PARTILHA DE MEMÓRIAS É UM ELEMENTO DE LIGAÇÃO FENOMENAL. A CULTURA DAS MEMÓRIAS É A BASE DA NOSSA SOCIEDADE e ninguém se esquece de ninguém... Não nos queremos esquecer de nada. Impedimos ao máximo o esquecimento e envelhecimento do cerébro, realizando exercícios de memória, todos os dias. Treinámos o cerébro. Quebramos a rotina, arriscamos, e experimentámos muito. Jogamos e inventamos jogos. IMAGINAÇÃO LEVA AO PROGRESSO, e tudo pode suscitar ideias novas, se ao menos dedicarmos tempo a olhar em volta. Por isso, 2 horas de cada dia são dispensadas para observação.

Os caminhos são limpos e retos, e toda a gente anda de bicicleta. TODOS TÊM DIREITO A UMA BICICLETA E AO ARRANJO GRATUITO DA MESMA. Quando chove, uma bolha transparente surge sobre a bicicleta, tornando o transporte sempre possível. Um manto, que se move de forma majestosa e invisível, como os pássaros que ouvi cantar, quando cheguei... Cá em Casa, existe um teleférico e as pessoas andam mesmo nele. O TRANSPORTE PELO AR É PRIVILEGIADO, e existem caminhos aéreos para quase todo o lado, acessíveis a todos. SOMOS UMA SOCIEDADE RECUPERADA E AQUI, O DINHEIRO NÃO SERVE PARA NADA. Se nada custar nada, ninguém tem mais ou menos. As pessoas são controladas... Vivem uma vida simples, pró-activa, experimental. Seguem-se pelos princípios da igualdade e da superação individual, e cada qual faz o que gosta. Temos professores que gostam de ensinar, psicólogos que gostam de entender e ajudar. Agricultores que gostam da Terra, músicos que gostam de tocar e artistas que procuram inovar. Cientistas que estudam, médicos que curam e um mundo motivado pelo prazer... Pela sinceridade,

honestidade e pela Verdade.
O DIÁLOGO É OBRIGATÓRIO e, por isso, somos prendados com uma linguagem aberta. Como tempo não falta, todos temos aulas das várias línguas que existem em Casa. Pessoas de vários cantos do mundo foram recuperadas e convivem agora em comunhão numa só sociedade, ensinando-se umas às outras. Cursos de linguagem gestual são impostos desde o momento em que chegamos. As restantes línguas vamos aprendendo, com o tempo e o convívio. "*Open language can be a joy - a language with which we can grow and heal. Words can limit your life.*"[47]
O DESENHO É UMA FORMA DE COMUNICAÇÃO,[48] e A ABOLIÇÃO DA PUBLICIDADE FOI INSTITUÍDA, TENDO SIDO SUBSTITUÍDA POR PEÇAS DE ARTISTA, MOSTRAS DE TRABALHOS E PASTE-UPS ORIGINAIS E ESPONTÂNEOS.

Outro dia, fui passear perto do mar. Uma ponte grandiosa erguia-se por cima de nós. Atentei num detalhe pequenino, porque agora o meu olhar está educado a reparar. Várias fotografias em formato postal cobriam fendas de uma ponte que já viveu o suficiente[49]. Aproximei-me, sempre com cuidado. TODOS OS ASSUNTOS SÃO TRATADOS COM CUIDADO. "*An aesthetic of the little, for the calm and collected nature of those indefinable printed objects circulating in the "un-official area of literary activity*"[50].
Pequenos postais com fotografias de vários de nós. Assinado: Violeta.
Nunca a conheci. Mas, com o tempo, fui encontrando vários postais dela pela cidade. A Violeta fotografava analogicamente o quotidiano de desconhecidos. Passava os dias a reparar nas vidas, rotinas e tiques das pessoas. Quando achava que estava preparada, fotografáva-as. Nunca se via a cara nas suas imagens, mas o próprio saberia, quando se descobrisse num dos pequeninos

47 — Excerto retirado do livro "Under the Radar. Underground Zines and Self-Publications";
48 — As competências artísticas e humanísticas não são marginalizadas. Os programas escolares empregam fundos em saberes que não apresentam um rápido e apreciável proveito económico, mas contribuem para o desenvolvimento da criatividade e autonomia;
49 —A morte e a partida são aceites com naturalidade. O medo de morrer não é uma preocupação, e as pessoas aceitam que nada viva para sempre, e que cada coisa possui o seu tempo;
50 — Excerto retirado do livro "Under the Radar. Underground Zines and Self-Publications".

postais. Lá fora, estas imagens seriam apenas histórias fantasmas de quase ninguém... Mas aqui não.
Retratos misteriosos cobriam as paredes de vários recantos da cidade, juntamente com pequenos textos:

O Senhor dos Calçoes Vermelhos.
Hoje descobri um senhor de calções vermelhos.
Ele não me descobriu, mas eu descobri-o a ele.
Pele vermelha, não tanto como os calções. Passou o dia ao Sol. Tirou uma sesta por volta das 12 horas, e eu fui dormir também. Acordei primeiro, e reparei na sua pele, cada vez mais quente. Pergunto-me o que terá ele sonhado...
Estendeu a roupa. Antes, dormia como um anjinho na sua espreguiçadeira transportável. Não sei como se chamam as cadeiras que se levam para a praia, e que voltamos a fechar quando estiver na hora de vir embora... Mas eram essas cadeiras. E ele lá dormia... Quem dorme nessas cadeiras? O senhor dos calções vermelhos dorme lá. E estende a roupa, toda ela branca. E tem olhos azuis, e ouve música clássica, e dorme uma sesta por volta das 12 horas.

Violeta.

Todos nós temos uma influência no planejamento do nosso ambiente. Fazemos sugestões para o embelezamento, mudança e melhoria das nossas cidades e paisagens, desenvolvemos e demonstramos alternativas. Esses conceitos visam evocar a criatividade de cada um de nós, fomentando sempre o DIÁLOGO NO PLANEAMENTO DAS CIDADES E ESPAÇOS.

"*Promote the execution and practice of the new sensibility, the activation of new modes of behaviour (...) Raise up quietly and inconspicuously from the straight mental tracks and slip out of the dark prison.* HERE'S A PLACE TO BE HAPPY!"[51]

Seja por meio da música ou de outras formas de cultura, as pessoas unem-se para compartilhar criatividade. A Casa é uma plataforma para a produção construtiva de um mundo ideal. Parece que os Outros, lá fora, se referem a nós como o Paraíso[52]... Mas não o somos.

Somos uma Sociedade Alternativa: um espaço reflexivo que neutraliza as distrações e destaca o desconhecido. "*The mutability of mutable things itself gives them their potential to receive all those forms into which mutable things can be changed. And what is this mutability? A soul? A body? The form of a soul or of a body? No, I would call it "a nothing-something" or "an is-that-is-not", if such expressions were allowed. Reflective space that neutralizes distractions and highlights the unknown.*"[53]

51 – Excerto retirado do livro "Under the Radar. Underground Zines and Self-Publications".
52 – "Paraíso", sempre desejado, é visto como o local ideal, onde tudo funciona e, quase sempre, irreal e impossível de atingir.
53 – MOUSSE Magazine, Issue 63.

Estava em Casa. Uma bicicleta azul, e a brisa bonita que com ela morava, e agora trago comigo. À minha frente, o meu sítio favorito: a tal biblioteca da qual me lembrava muito, muito bem. Teto alto, e estantes quase mais altas que o teto. Este é o meu sitio favorito, e encontrei-o imaginado num livro, e, um dia, visitei-o num sonho. Prometi lá voltar, e agora cá estou.
E agora, chegado a Casa, prometi não mais daqui sair. Era aqui que eu desejava viver.

Não se preocupem. A transposição de pessoas do mundo antigo para o "mundo novo" é possível. São recuperadas todas as pessoas que escaparam ao degradamento e ao feitiço de silêncio da sociedade antiga; ao adormecimento, ao sonâmbulismo implementado na Sociedade Original, de maneira a criar uma alternativa a estes valores sufocantes e limitativos que envolvem toda uma realidade agora perdida e desatualizada.
Toda a gente pode, eventualmente, aceder a Casa. Qualquer pessoa que por vontade própria decida, na Realidade Original, adquirir conhecimentos e entregar-se à cultura, é propícia à recuperação da sua vida numa realidade paralela. A única condição é que o conhecimento seja adquirido não com espirito servil, mas sim livre, honesto e espontâneo; só assim é possível a pessoa ser adequada para o novo mundo. Uma seleção é feita em todas as gerações, de todos os países e continentes, e de todas as épocas.

De ano para ano, plantámos no vosso mundo um pequeno SEGREDO. Deixámos um de nós, na vossa Realidade. E ele cresce, apesar de envolvido num ambiente corrupto, artificial e desonesto, sem nunca se deixar afetar por esses valores negativos. Cresce, mesmo assim, albergando uma honestidade e sinceridade grandiosa... Cresce, com um espírito revolucionário, espontâneo

e jovial. Cresce! Dinâmico, pró-activo, enérgico. Ele cresce... Cresce sonhador, aplicado e determinado. Cresce, e aprende do que gosta. Ele cresce, e faz o que gosta também. Faz-se ouvir, e partilha os seus dias e as suas memórias com as suas pessoas... Passeia ao sol, e anda de bicicleta, sempre que as ruas são retas. Cresce, e as pessoas comentam que ele parece morar na sua própria bolha. Uma bolha transparente... Um manto, que se move de forma majestosa e invisível, como os pássaros que ouvem cantar, lá fora... Cresce feliz, humilde, e azul.
Nessas pessoas, há sempre um pormenor diferente. Há sempre um pormenor azul... Um azul do céu, um azul do mar, um azul da cor que pintamos as lágrimas. Um azul bonito. Acho que não há assim tantas coisas azuis, agora que penso. Mas eles crescem, com um pormenor azul.

Deixamo-los com vocês, como espécie de antídoto para o sonambulismo do qual a Realidade Original está empestada. Começam a trabalhar as pessoas adormecidas, com o intuito de as acordar desse sono profundo e doentio, esperando uma mudança de mentalidades para que, mais tarde, possam também ser recuperadas para o mundo novo, paralelo ao vosso. Para que, com o passar dos anos, cada vez mais pessoas possam escapar. Para que, um dia, os dois mundos se possam fundir novamente num só. Num gigante Mundo Azul.

"A realidade apoia-se em ficção, ou narrativas de ficção científica. Mistura de temporalidades. Um mundo fragmentado e descentralizado, simultaneamente físico e mental, é formado - uma heterotopia. Uma brincadeira com a alteridade leva a múltiplas aparições.
Pode-se pensar que o nosso futuro é aberto e indeterminado, esperando que o encham de significado, resultante da nossa intenção criativa. Igualmente, essa arte e cultura, através de ciclos de "experimentação estética, podem abrir novos horizontes, deslocando as direções do presente, transformando percepções e formas de vida, alterando as condições sociais e políticas - se assim o desejamos."

(Munari, Bruno. Design e Comunicação Visual. [S. l.]: Edições 70, 2013.)

ALTERNATIVE SOCIETY
WE ESCAPED

AUTOR E FOTOGRAFIA
Catarina Freitas

BIBLIOGRAFIA
Mousse Magazine
Issue 61.

Mousse Magazine
Issue 63.

"A Câmara Clara"
Roland Barthes.

W.J.T. Mitchell
Falácia da pictorial turn e da "Hegemonia do Visível"
Showing seeing

The Burial of the Dead"
Salomé Lamas

Under the Radar
Underground Zines and Self-Publications
1965-1975
Editado por Jan-Frederik Bandel, Annette Gilbert, Tania Prill

A Utilidade do Inútil
Nuccio Ordine

Gwen Allen
Design as a social movement

Kingston University
Critical Issues of Graphic Design

Migrant Magazine
Issue 2

Seja por meio da música ou de outras formas de cultura, as pessoas unem-se para compartilhar criatividade.
A Casa é uma plataforma para a produção construtiva de um mundo ideal. Parece que os Outros, lá fora, se referem a nós como o Paraíso… Mas não o somos.

Somos uma Sociedade Alternativa:
um espaço reflexivo que neutraliza
as distrações e destaca o desconhecido.

Nós escapamos.

PROJETO DE MESTRADO
CATARINA FREITAS
2019/2020